

EDITORIAL

DO CENTRO DE ENSINO E TREINAMENTO ATÉ A MONTAGEM DE "MÁQUINAS" QUE FAZEM CÉREBROS

Na execução das técnicas de rotina, praticamente, não há diferença entre profissionais brasileiros e estrangeiros (países desenvolvidos). Entretanto, na grande maioria das vezes os livros e os inventos surgem lá. Por que? Geralmente a resposta é... "estão mais preparados" ou... "têm mais condições". Então será que não sabemos formar nossos profissionais ou será impossível dar uma formação melhor da que damos atualmente. Acontece que sabemos preparar indivíduos para fazer aquilo que já fazemos, mas, com certeza temos dificuldade em ir mais além. Por que?

O desenvolvimento científico e tecnológico se fundamenta em saber aplicar conhecimentos básicos na prática diária e na explicação de todos os fenômenos à luz da ciência. Para isto é necessário haver "integração" de várias ciências, e também de vários estudiosos interessados.

Em anestesiologia como em qualquer especialidade médica ou até mesmo em qualquer profissão, os nossos centros de ensino fazem exclusivamente o profissional que poderá se ilustrar, mas dificilmente terá condições para desenvolver estudos que possam realmente contribuir para o desenvolvimento científico.

Qual dos nossos centros de ensino, mesmo universitários, têm entre seus componentes pessoal de ciências básicas para dar o suporte indispensável a estudos que envolvem grandes conhecimentos científicos? A verdade é que não temos nenhum. Enquanto na Inglaterra, por exemplo, há muito tempo, todos os serviços universitários dispõem de pessoal de ciências básicas. Os Estados Unidos e mais alguns países têm um esquema semelhante. O resultado é que nos vendem livros, revistas, equipamentos, drogas e, enfim, sabedoria.

É tempo de começarmos a produzir cientificamente, ou ficaremos à mercê da boa vontade dos outros em vender conhecimentos para resolver os nossos problemas.

É difícil encontrar, por exemplo, autodidatas com cultura, criatividade e senso prático iguais a Kentaro Takaoka. Nos países desenvolvidos indivíduos com estas qualidades são produtos de laboratório e, porque não dizer, de "máquinas" montadas com objetivos específicos. Fazem elementos de excelente nível capazes de dar contribuições científicas de grande valor. Qual o segredo? Como se monta uma máquina dessas?

Esta pergunta foi feita a alguém que já montou uma dessas notáveis máquinas de fazer cérebros. A resposta foi a seguinte: "elevando ao máximo possível o nível do atendimento clínico e paralelamente trazendo elementos de ciências básicas e técnicos, proporcionando a todos assistência bibliográfica; a partir daí havia condições

AP1752

1310

para desenvolver qualquer estudo". O corpo clínico deste serviço era mantido por instituição assistencial oficial. As primeiras vagas do quadro acadêmico, além do professor, foram preenchidas com um físico, um técnico em laboratório e uma bibliotecária. Nesta máquina foram produzidos dezenas de professores, vários cientistas, muitos profissionais clínicos de excelente nível, além de projetos de equipamentos, livros consagrados e inúmeras publicações em periódicos de padrão internacional.

Qualquer profissional que se engajar em uma "máquina" como está, dentro de doze anos será um cérebro capaz de desenvolver estudos de altíssimo nível (Considerando-se seis anos para pós-graduação). Para aqueles já qualificados, aproximadamente seis anos de atividade científica serão suficientes.

Evidentemente não é muito difícil construir estas máquinas em nosso ambiente. O regime de trabalho e a falta de motivação para estudos são os maiores obstáculos. Em 1976 um C.E.T. de S. Paulo dava o primeiro passo admitindo um físico para apoiar os estudos de alto nível que seriam indubitavelmente desenvolvidos pelo grupo. Entretanto, por razões de ordem "prática" que não nos compete comentar, voltou tudo a estaca zero.

Nas universidades que estão basicamente voltadas para o ensino de graduação e tendo estrutura administrativa muito rígida, esta solução é mais difícil ainda do que nas instituições particulares. A mentalidade predominante ainda é que físico na física, químico na química, e na medicina só médico. É possível que haja uma abertura quando forem implantados os cursos de pós-graduação em "sensu strictu".

Os projetos interdepartamentais embora representem uma integração válida e viável não são a solução porque dificilmente um departamento é sensível ao problema do outro, ou seja, cada um já tem a sua linha de estudos para desenvolver, com pessoal e recursos limitados. Na maioria das vezes como não existe um engajamento automático, é difícil para determinado departamento interpretar, absorver e se motivar pelos trabalhos de outro.

Então, que fazer... devemos procurar nos unir e apoiar aquele serviço que tiver condições de dar o primeiro passo, admitindo pessoal de ciências básicas no seu quadro. Daí o nível da produção científica será de tal ordem que não faltarão seguidores: a história se repete.

DR. RENATO ANGELO SARAIVA

Prof. Adjunto (Anestesiologia)
Faculdade de Ciências da Saúde
Universidade de Brasília